

Partido que bateu duro na política liberal adotada pelo governo FH se vê obrigado a defender receita conservadora

Economia - Brasil

PT se rende à ortodoxia econômica

28 MAR 2004

PAULO DE TARSO LYRA

BRASÍLIA - Três semanas de ataques duros de aliados não foram suficientes para abalar a confiança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em relação ao sucesso da política econômica ortodoxa que marcou seu governo durante os primeiros 15 meses de mandato. Apesar das pressões da base governista, Lula descartou mudanças de rota e apostou na receita prudente e conservadora para retomar o crescimento do país.

O mundo dá voltas. A militância petista, que bateu duro na política liberal adotada pelo governo Fernando Henrique Cardoso e comandada pela dupla Pedro Malan e Armínio Fraga, viu-se obrigada a conviver com a mesma fórmula.

- O PT precisou pagar o imposto da credibilidade - confirmou o presidente da Confederação Nacional da Indústria, deputado Armando Monteiro.

A rendição à ortodoxia não foi pacífica. Meio que sem jeito, em reunião no início de março, a Executiva Nacional do PT elab-

orou nota cobrando mudanças nos rumos da economia. Semana seguinte, o ataque mais incisivo: o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto (SP), pediu a cabeça do ministro da Fazenda Antonio Palocci e do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Nesta semana, o PMDB ameaçou abandonar o governo se o propalado espetáculo do crescimento não começar de imediato.

Nada que abalasse a estabilidade de Palocci e Meirelles. Pelo contrário. Após a saraivada de críticas, saíram fortalecidos. Durante jantar com líderes governistas na casa do presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), na noite de quarta-feira, Palocci agradeceu o apoio recebido e reiterou que o país está no caminho certo.

Na quinta, durante audiên-

PALOCCI e Meirelles saíram fortalecidos da saraivada de críticas

cia na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), Meirelles garantiu que o regime de metas de inflação não será alterado. E chegou a brincar com aqueles que consideram sua atuação conservadora.

- Conservadorismo, em se tratando de Banco Central, não é insulto, é elogio - declarou.

Ao assumir o governo em 2003, diante de uma perspecti-

va de retomada da inflação, o PT viu-se obrigado a apertar o cinto. Ao cenário econômico desfavorável, somaram-se as desconfianças quanto aos rumos que um governo de esquerda tomaria.

O presidente da CNI lembra que não há espaço para mudanças no receituário aplicado na macro-economia. Reforça que em todos os países do mundo a

fórmula adotada é parecida: metas de inflação, equilíbrio das contas públicas, juros racionais e câmbio flutuante. Para Monteiro, os entraves para a retomada do crescimento são mais complexos.

- É ilusão achar que a felicidade geral da nação virá da dupla Palocci/Meirelles. O problema é a falta de um projeto, de uma política industrial e de desenvolvimento - criticou.

Líder do PFL no Senado, José Agripino Maia (RN) não vê a menor possibilidade de o governo mudar os caminhos. Reconheceu, contudo, que os maiores ataques vêm dos aliados e que PFL e PSDB não combatem a estabilidade econômica.

- Só queremos que esta estabilidade venha aliada ao crescimento econômico e a geração de empregos - cobrou.

Para que esse quadro se concretize, Agripino considera necessário uma disposição da equipe econômica. Coisa que não percebeu nas últimas declarações de Palocci e Meirelles.

- Pelo que estão dizendo, vão insistir na ortodoxia, sem ousadia. E tome-lhe quedas nas pesquisas de popularidade.

Defensor incansável do modelo atual, o vice-líder do governo na Câmara, Professor Luizinho (PT-SP), garante que as mudanças estão acontecendo.

- A mudança precisa ser estrutural. Não pode ser um pacote de soluções aventureiras.

JORNAL DO BRASIL

